





John Carter Brown
Library
Brown University

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

SERMAM

QVE PREGOV

DO P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA
de IESVS na caza professa da mesma Companhia em
16. de Agosto de 1642.

NA FESTA QVE FEZ A S. ROQUE ANTONIO
Tellez da Silva do Concelho de guerra de Sua Magestade Governador,
& Capitam Geral do Estado do Brasil &c.



Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa, na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1642.

SIEMAN

V E R R E G O V

AMERICO VINDA DA CA...
... de ...

... de ...



REF. 10

... de ...
... de ...

*Et cum venerit, & pulsauerit, confestim
aperiant ei.* **Lucæ cap. 12.**



VERDADEIRAMENTE q se algum
hora prèguey sobre thema forçado, se
algum hora não tiue liberdade de elei
ção sobre as palauras do Euangelho,
foy na occasiã presente. Nem eu pu
dera tomar outro thema, que o que
propuz, nem poderey seguir nelle ou
tra exposiçã, que a que logo direy,

de S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Euangelho
e querer Christo seus seruos vigilantes, & preparados
para quando lhe bater à porta. Isso vem a dizer em sum
ma as nossas palauras: *Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim
aperiant ei.* Se perguntarmos aos Doutores quando, & de
que maneira bate Deus às portas de nossas almas: respon
de Sam Gregorio Papa no sentido mais literal, que todos **Greg.**
diguem: *Pulsat cum per agritudinis molestias esse mortem vi-* **hom. 13**
nam designat: que nos bate Deus às portas d' alma por **in Euan**
reio das enfermidades do corpo. Se perguntarmos mais, **gel.**
quando, & de que maneyra abrimos com pontualidade
Deus; responde o mesmo Santo Doutor, & com elle **Beda cõ**
uytos outros: *Cui confestim aperimus, si hunc cum amore sus-* **ment. in**
cipimus: que abrimos a Deos com pontualidade, quando **Lucam.**
recebemos com amor. De sorte que o barer, & o abrir **Haymo**
as portas de nossa alma consiste, em bater Deos por en- **homil. 5**
fermidade, & em abrimos nds por charidade. *Pulsat per in hoc*
agritudinis molestias. Aperimus si cum amore suscipimus. Bem **Euang.**
isso eu logo, que nem pudera tomar na occasiam presen
te outro thema, nem seguir nelle outra exposiçã. Cele
bramos

bramos hoje as gloriosas memorias do Illustrissimo confessor de Christo Sam Roque, cujas portas fermosissimas d'alma se estão vendo tão batidas, & tam abertas, que duvido qual mais quisesse fazer nellas a providencia Divina, se theatro de sua paciencia ao Ceo, se exemplo de sua charidade á terra. Encontrarãose ás portas da alma no mesmo tempo duas mãos, por fora a de Deo batendo, por dentro a de Roque abrindõ, & ainda que o amor não se conquista com golpes, quam rigoroso insistia Deos no barer, tão amoroso se mostrava Roque a abrir: Deos batia por enfermidades, *Pulsat per aegritudines molestias*: Roque abria por charidade, *Aperimus si cum amore suscipimus*. Supposta esta conformidade facil do Evangelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a Roque pella correspondencia maravilhosa, que teve sua charidade com suas enfermidades. E ainda que eu estivesse mais para pedir ao Santo remedio das proprias, que para ponderar finezas das suas; diremos em quanto poderemos com o fauor da Divina graça. *Ave Maria*

Ut cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.

I.

SUPPOSTO que nos bate Deos ás portas d'alma por meyo das enfermidades do corpo, hũa coisa me parece muy singular acho no glorioso sogeito de nossa oração; & he, que foy tão vigilante servo S. Roque em acudir ao bater de Deos; que não só acudio pontualmente quando lhe batia ás portas proprias, se não tambem quando batia ás alheas. Lá bateo hũa vez por espõ as portas da alma Santa; & com ser Santa acudio tão pouco diligente, que quando chegou a abrir já o espõ cansado de esperar se tinha partido: *Surrexit ut aperiret lecto meo; at ipse declinaverat, at que transferat*. Verdadeiramente que se a esposa dos Cantares não representara as almas mas de toda a Igreja, creio que deixara Deos a alma Santa

ta, & se desposará cõ a alma de Roque. A alma Santa tal vez não acode a Deos, quando lhe bate ás portas proprias S. Roque, ou lhe bata Deos ás proprias, ou às alheas, sempre acode diligente.

E se me perguntão quando aconteceu isto a S. Roque quando acudio com esta pontualidade a hum, & outro bater de Deos? digo que sempre, em duas occasioens: ou quando lhe batia Deos ás portas proprias, por meyo de enfermidades suas, ou quando batia ás portas alheas, por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulsat per agritudinis molestias*. Andando tão fervorosa em hum, & outro abrir sua charidade: *Aperimus si cum amore suscipimus*; que das enfermidades alheas adoecia, & com as enfermidades proprias curava: das enfermidades alheas tirava doença para si, das enfermidades proprias tirava saúde para nós. Não he modo de encarecer, se não verdade liza. Quando Sam Roque sahio de França para Italia, o exercicio, & instituto de vida que tomou, foy servir aos enfermos nos hospitaes, donde (posto que curou muytos milagrosamente) sahio com hũa grave enfermidade, que lhe deu larga matéria de paciencia. Voltando para a patria, & chegando selhe o fim ditolo de sua peregrinação, permittio o Senhor que fosse ferido de peste, de que morreo em breves dias; mas despois de morto foy achado com hũa taboa nas mãos escrita por ministerio de Anjos, na qual promettia que todos os enfermos de peste, que se encomendassem em sua intercessão, sarariaõ daquelle mal. Assi que das enfermidades alheas tirava doença para si, & das enfermidades proprias tirava remedio para nós. Quando serve aos enfermos, toma por premio a doença: quando morre da enfermidade, deixa em testamento a saúde. Athè aqui pontualidade de acudit a Deos, athè aqui engenhofo artificio, & artificiofo extremo de charidade! Adoecer com as enfermidades alheas, & curar com as enfermidades proprias. Excellencia he esta, que sò duas vezes acho escrita, hũa vez junta, outra dividida: se dividida

uidida, em S. Paulo, & em Christo: se junta, no glorioso S. Roque.

II.

2. ad Co
vintb.
116

VA Y contando São Paulo o muyto que tinha padecido em seruiço dos proximos, & diz assi aos Corinthios: *Quis infirmatur, & ego non infirmor? Que* homem ha que adoeça, que nam enferme eu tambem com elle? Notauel dizer! Parece que ou a charidade he hum bem contagiolo, que se pèga a todos os males; ou todos os males são contagiolos em respeito da charidade, que se pegaõ aquem a tem; *quis infirmatur, & ego non infirmor?* Mas como pode ser (vamos á razão) como pode ser que adoeceffe Sam Paulo das enfermidades alheas, & que sentindo cada hum as suas, Paulo padecesse as de todos? Lá os outros enfermauam, & cá Paulo adoezia! como pode isto ser? Na charidade do Apostolo temos a soluçam da duuida. Como a charidade essencialmente he vniam, & vnião perfeitissima, de tal maneira vne os proximos entre si, que se eu tenho charidade, cada proximo he outro eu: *Ioan. 17. ut sint unum sicut nos unum sumus;* & como por estes laços sobrenaturaes, os homens se vnem entre si, & se identificaõ reciprocamente; daqui vem que pode, antes deue cada hum adoezer das enfermidades do outro porque necessariamente hão de ser os accidentes communs onde o sujeito he o mesmo. Por isso Sam Paulo (& o mesmo digo de Sam Roque) adoezia das enfermidades alheas, & sentindo cada hum as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de sua charidade. Adoezia das enfermidades alheas, porque a vnião reciproca do amor as fazia proprias; & sentindo cada hum o seu mal, elle padecia o de todos, porque sendo hum só por natureza, era todos por charidade. *Quem admodum si vniuersa orbis ecclesia esset sic* Christo in unoquoque membro discruciabatur, diz S. Ioaõ Chrisostomo. *hom. 25.* Adoezia em todos por sentimento, porque viuia em todos por amor: *quis infirmatur, & ego non infirmor?*

Corinth

Donde a mi me parece podemos dizer por hũa certa analogia

analogia que o que lhe faltou a Deos em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, supprio Sam Paulo, & Sam Roque por perfeição de sua charidade. De os nosso Senhor (como ensinão os Theologos) he primeira causa actiua, mas não he primeira causa passiuua. He primeira causa actiua, porque por sua immensidade, & omnipotencia obra com todos os que obrão, concorrendo juntamente com elles: & não he primeira causa passiuua, porque por sua simplicidade, & immutabilidade não pode padecer em si, nem receber accidentes extranhos. De maneira que obra Deos com todos os que obrão, mas não padece com os que padecem. Pois esta generalidade, & extensão, que não tem Deos em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, esta supprio Sam Roque com Sam Paulo por perfeição de sua charidade. Deos, como primeira causa actiua, obra com todos os que obrão: Roque como primeira causa passiuua, padece com todos os que padecem; & assi como he brazão da Omnipotencia Diuina, que niuguem pode obrar sem Deos, *Sine me nihil potestis facere*; assi he brazão da charidade de Roque, que niuguem pode padecer sem elle. *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

III.

ESTE sois, diuino Roque: este ao mundo todo, por beneficios, & este aos Religiosos desta casa por imitação; que pouco fora recebello debaixo de vosso patrocínio, se lhe nam communicáreis juntamente as gloriosas participações de vosso feruoroso espirtu. Verdadeiramente que quando considero (sejame licito, ao menos pellos priuilegios de estranho, dizer o que venero, & o que admiro) quando considero a verdade com que pode dizer a casa de São Roque: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Que enfermidades, que males, & trabalhos ha em Lisboa, que a charidade desta casa não participe? Nos hospitaes, nos carceres, nas afflicções, & sentimentos particulares, que sempre são mais que os publicos

blicos quem os padece neste grande povo, que não re-
parta sua paciencia com a charidade dos Religiosos, des-
ta caza? Que enfermo que os não tenha à cabeceyra? que
preso que os não aché à grade? que condenado q os não
leve consigo ao lugar do supplicio? finalmente que ne-
cessidade spiritual, ou temporal que não venha buscar a-
qui, ou o remedio, ou o alivio, ou a companhia? Quando
tudo isto considero, me persuado que deve este graça a
Companhia do glorioso padroeiro desta casa, & q a go-
zação os Religiosos della, mais por padres de S. Roque, que
por filhos de S. Ignacio. Lá quando aquelles Anjos pere-
grinos se agazalhárão em caza de Abrahaõ, louva muyto
Lypomano a charidade, com que Sara, & Ismael os fer-
viaõ, mas não reconhece nelles esta virtude pello que
tinhaõ de parentes senaõ pello que tinhaõ de domesti-
cos de Abrahaõ. *Vxor accelerat, puer festinat: nullus piger est
in domo sapientis.* De maneira que era filho Ismael de Abra-
haõ, mas aquella diligencia, & charidade não resplande-
cia nelle, porque nascera de seu sangue, se não porque
vivia em sua casa: era filho diligente, & charitativo, mas
não era diligente charitativo por filho, senaõ por domes-
tico, *Nullus piger est in domo sapientis.* Algũa razaõ tenho
eu logo para dizer, que devem os Religiosos desta casa
os fervores de lua charidade a Sam Roque mais, que a S.
Ignacio; porque de S. Ignacio são filhos, mas de Sam Ro-
que domesticos. Não são isto privilegios da filhação, são
proveitos da moradia: no instituto, são obrigaçoens da vi-
da que professamos, no exercicio, são influencias da casa
em que vivemos. Não se poderá agravar meu Padre S.
Ignacio de eu o considerar assi, porque estas graças, ou
estas glorias todas tornão a demandar a fonte d'onde ma-
naraõ, & S. Roque tambem foy filho de S. Ignacio. Não di-
gõ isto por querer imitar a devaçãõ, com que algũas Re-
ligioens per filharão os Sanctos alheos, porque estes piado-
sos latrocínios soo se podem dissimular (posto que não
encu-

encubrir) na confusão das antiguidades, & a nossa religião he tão pouco antiga, que mais se conhece de vista, que de memoria. O que digo, & o que entendo, he que S. Roque foy professo da Companhia em spirito, & filho de Santo Ignacio em Prophecia. A forma de vida, que por morte de seus pays tomou S. Roque, foy esta: renunciou seus estados, que era senhor de Mompelher, reparte com os pobres suas riquezas, parte a Italia; & alli, como dissemos, applicase a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foraõ proprios. Pois, glorioso Roque, Francez Divino, q̄ impetu de spiritu he este vosso? que trocados de vida saõ estes tão contrapostos? aqui renunciáis os bens proprios? alli tomáis à vossa conta os males alheos? Si: que itto he ser professo da Companhia. O instituto da Companhia professa, consiste em renunciar os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. Consiste em renunciar os bens proprios, porque nenhũa casa professa da Companhia póde ter propriedade algũa, nem ainda para a culto Divino, de que he tão zelosa; & consiste em fazer proprios os males alheos, porque esse he o voto, & obrigação dos professos, acudir aos males communs, & dos proximos como se foraõ proprios, & particulares. Este he o instituto da Companhia professa, & esta a vida, que professou S. Roque, seguindo em prophecia os exemplares de seu, & hoífo P. S. Ignacio, & para q̄ naõ cuyde alguem que preverte a ordem dos tempos, & chamo exemplares ao que devèra chamar imitações, firmeha o pensamento S. Isidoro Pelusiota, que ainda em mais anticipada acção o considerou assi.

Considera S. Isidoro Pelusiota o amor, & resolução cõ que Rebecca para grangear a benção a Iacob se expoz ao perigo da mallicão que elle temia, & diz desta maneira. *Rebecca Apostolica animi magnitudine predita*: verdadeyraments Rebecca com grandeza de animo Apostolico: notay; Rebecca foy antes da vinda de Christo mais de dous mil annos, & ja então diz S. Isidoro que seguia as

Gen. 27

Isid. Pelusiot. li. 2. epist.

58.

pisadas dos Apostolos, & que copiava em anticipadas imitações os futuros exemplares de seu spiritu. E isto como, ou em que? Advertidamente o Pelusiota. *Vt ipsius filius benedictionem consequeretur bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consistia esta imitação do spiritu Apostolico em que Rebecca para negociar a benção a Jacob renunciava nelle todos os bens, & tomava para si todos os males: *bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Esta he a summa de perfeição, & profissão Apostolica, fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porque o fez assi Rebeca diz S. Isidoro que imitou em a prophacia o spiritu dos primeiros Apostolos; que muyto que fazendo o mesmo, S. Roque, diga eu tambem que imitou em prophacia o fundador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a devação de cada hum o quizer considerar, o certo he que de Sam Roque mais immediatamente se deriva aos Religiosos desta cala aquelle fervoroso spiritu de charidade, com que despois de alienarem de si todos os bens proprios, se aproprião tão intimamente dos males dos proximos, que puderão bem dizer, se o não callàra sua modestia, com o Apostolo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

Assi dizia Sam Paulo, & melhor que assi o pode dizer S. Roque: porque ainda q̃ S. Paulo diga a boca cheia, que adoecia de enfermidades alheas: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores o interpretão assi, que só adoecia spiritualmente por sentimento, & não corporalmente por enfermidade. Porem o zelo, sem exemplar, de Roque, de tal maneyra o entranhava nòs males dos proximos, que não só adoecia na alma por sentimento compassivo, senão que chegou a adocer no corpo, como vimos, por enfermidade verdadeyra; vencendo nesta circumstancia de charidade a mesma charidade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rey, *Tabescere me fecit zelus meus, idest charitas mea.* o meu zelo, a minha charidade
me

me faz andar palido, andar enfermo, andar tifico, andar mirrado. Pois como? se o zelo charitativo he hũa virtude q̄ está na alma, como adoezia de zelo David, & se êtifica-va no corpo? *zelo corpore tabescit?* Glosa aqui a Interline. *Interl. hic.* al. A razão deste excessõ he porque os affectos de nossa alma se saõ extremadamente intensos ateãose pella visinhança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade o que a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; & como a charidade de hum affecto ardente, chega tal vez a dilatar-se tanto, que não cabendo na estreyteza õnde nasceo, ou rebenta o coração, & morrestes: ou se communica ao corpo, & enfermaestes: *Tabescere me fecit charitas mea.* Tal foy a charidade de Roque, não chegando a ser tal a charidade de Paulo, para q̄ se veja quoaõ vigilante servo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Vt cum venerit, & pulsaverit: pulsat per agritudinis molestias. Confestim aperiant ei: aperimus si cum amore suscipimus.*

III.

E Amor que era tão Argos em acudir a Deos quando batia às portas de outros, ja se vê quoaõ vigilante seria em abrir quando lhe bateffe às suas. Andou taõ engenhosa tambem aqui a charidade de Sam Roque, que se là em emulação de S. Paulo soube adoe- cer com as êfermidades alheas, cã ã imitação de Christo soube curar com as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina, he privilegio soberano q̄ só em Christo Senhor nosso se acha, de quem diz o Propheta *Isaias, livore eius sanati sumus.* que suas enfermidades, ou dores foraõ nossa saude. Com menos facilidade, mas com mais galantaria o disse o Evangelista S. Matheus & he hum dos textos de sua historia, que reconhecem os intepretes por mais difficultoso. Sárou Christo em Capharnaũ grande multidaõ de doentes de diversas enfermidades, & referindo S. Matheus este milagre, diz *af- si. Omnes male habentes curavit, ut adimpleretur quod dictum est*

Isa. 64

per Isaiam prophetam dicentem, ipse infirmitates nostras accepit, & egrotationes nostras portavit. Curou Christo todos os enfermos, que lhe apresentaraõ diz S. Matheus, & aqui se

Ita Sanctus comprio o que disse o Profeta Isaias, que tomara Christos sup to em sy nossas penas, & padeceria nossas enfermidades: *Is. cum-* Notavel allegar de profecias por certo? Se Christo esta- *puliij.* va curando enfermos, & a profecia diz que havia de padecer nossas infirmitades, como se comprio neste caso a profecia? Padecer enfermidades, & curar enfermos, he a mesma cousa? Em Christo sy; a mesma cousa he e Christo padecer enfermidades que curar enfermos, porque a paciencia de suas dores foy o remedio, & medicina das nossas: *livore eius sanati sumus.* Por isso o Evangelisto quando vio a Christo milagrosamente medico, logo o considerou infallivelmente enfermo, porque aquelles efectos de curar eram certezas de adoeecer. Onde a infirmitade era medicina não podia ter saude quem a dava. *Ei defuit*

Oleastro. *sanitas ne nobis deesset:* disse com propriedade o Oleastro, *in Isa.* Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Ro- *hic.* que; que do sofrimento de suas enfermidades fez merecimento de nossa saude, & morreo ferido de peste sem remedio, para q̄ tivessẽ remedio os feridos de peste. Quem viffe estar morrẽdo do mal de peste a Roque, & o tivel-se visto curar milagrosamente a tantos do mesmo mal, parece q̄ podera dizer ao Santo por admiração o q̄ no cal-

Mat. 27

vatio disseraõ a Christo por afronta. *Alios salvos fecit se ipsum non potest salvum facere:* pode salvar aos outros, & a sy não se pode salvar. Pois se sarou de peste a tantos, porq̄ se não cura tambem a sy? Sabeis porque? Não se curou S. Roque a sy, porque quiz que sarassemos nõ: *Ei defuit sanitas ne nobis deesset.* Offereceo a Deus sua enfermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceo para que sarassemos, morreo para que viviffos: & ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quiz em pregar esta graça em sua vida, para poder testar della na morte. Assim o diz aõ as taboas de seu testamento. Ha mais

fin o

finô amor dô proximo? ha mais perfeita , ha mais divina charidade q̄ esta? Julgoa por tam divina, que não foraõ menos q̄ demonstraçoens de divindade em Christo, os que foraõ effeitos de charidade em Roque.

Estava S. Thome incredulo da resurreiçãõ com os outros discipulos êtra Christo cõ as portas cerradas, abre as das mãos, & do lado, chega Thomè, & apenas tinha visto, ou tocado as chagas, quando cae aos pès do Senhor dizendo: *Dominus meus, & Deus meus*: reconheço Senhor que sois o meu senhor, & creyo que sois meu Deus. Mais cre Thomè doque duuida: porque só duuidava de hum homem resucitado, & reconhece o mais por Deûs verdadeiro. Pois, discipulo incredulo, ategora não creis taõ obstinado, como ja credes taõ resolutos? E se nunca reconhestes em vosso mestre mais q̄ a humanidade, como o confessais por Deus tam subitamente? q̄ he o que viste nelle? que he o que descobristes de novo? Vi (diz Thomè) que deixou este senhor as mãos, & lado aberto para render minha incredulidade; & quem não fecha as suas chagas, para ter com que curar as minhas, he mais, q̄ homem, he Deus: *Dominus meus, & Deus meus*: *Novo genere vestigia vulnerum divinitati perhibent testimonium*: Exclama Santo Agostinho: coufa nova, & prodigiosa, que chagas de hum corpo humano sejaõ testimunho de natureza divina. Mas que menos se pode arguir, que divindade, em quem deixa abertas as chagas proprias para ter com que curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vulnerum ut vulnera sanaret incredulitatis*: diz o mesmo S. Agostinho. Estes pois que foraõ argumentos de divindade em Christo, foraõ effeitos de charidade em Roque; oqual podendo sãtar do mal, de que estava ferido, não quiz fechar suas chagas, para ter com que curar as nôssas, & renunciando, com mayor milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indefeso a mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assim abria Roque por charidade, quando assim batia Deos por enfermidades

Ioan.

20.

*Hoc ser
vivit in
terprete
& Theo
logi.*

*S. Aug.
ser. 156
de tẽpo
re.*

*Serm.
147. de
tempore*

dades. *Pulsat per egritudinis molestias, aperimus si cum amore
suscipimus.*

V.

A mãos de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo à violência de sua intercessão; onde eu noto, quam bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento, porque este segundo curar foy premio daquelle primeiro adoecer. Sobre o *Pracinger se: & sint lumbi vestri pracincti* do Evangelho, notou com agudeza S. P. Chrysol logo que paga Deos na mesma moeda os serviços, que *ser. 23.* lhe fazem os homens. Cingivos para me servir a mi, diz Christo, que eu me cingirey (quem não affombra!) para vos servir a vós. E como a liberalidade de Deos he tão pontual nas correspondencias: com que mais igualmente se havia de premiar hum bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Là diffemos ao principio que a charidade de S. Roque em emulação de S. Paulo era hum bem contagioso, que se pegava aos males, pois em pago de hũa virtude, que he bem contagioso, dese a Sam Roque virtude de curar males contagiosos. Algũa cousa disto temos em Ioseph.

Josepha Amava sua senhora a Ioseph tão perdidamente como sabemos; passou a affeição a locura, passaram as significações a violencias: deixou-lhe em fim o casto moço a capa nas mãos, & daqui se trocou aquelle excessivo amor em taes excessos de aborrecimento, que dos laços dezejados se forjaraõ prizoens executivas, & foy posto em ferros Ioseph. Pois, Egypcia infiel, que mudança he este tam repentina? Pouco ha tanto amor, & agora tanto aborrecimento? Se querias conquistar a vontade de Ioseph; principio foy de victoria, ficar com os despojos nas mãos. Pois porq̃ não continua teu amor a empresa? porque aborreces tanto, a quem amavas ha tão pouco? Quereis ouvir com admiração, porque? Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioseph. Assi como se pegão

pegão as enfermidades, também se pèga a saúde . Se ba-
staõ os vestidos de hum enfermo para se pegarem os
achaques do corpo, também bastão os vestidos de hum
Santo para se pegarem os affectos d' alma. Qual cuy-
dais que foy o principio da conversão de Sam Paulo? Al-
tamente o penetrou o juizo de Bernardo . Entre os que *Sic inte*
apedrejavão a S. Estevão andava também Sam Paulo *lligit.*
antes de convertido, o qual foy tam venturoso que lhe *Bern.*
coube a sua conta guardar as vestiduras do martyr. *Petrus.*
Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vo-
cabatur Saulus. E que se seguiu dahi? Seguiu-se, diz S. Ber- *Damian*
nardo, que pello toque daquellas roupas, começou *& alij.*
Deos a lhe tocar na alma; & dos vestidos de Estevão
a quem apedrejava, se lhe pegou a mesma feè, porque
Estevão morria. *Deposuntur vestimenta martyris ad pedes*
persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat conver- *Bern.*
tendus. Com particular providencia do Ceo se entre *S. Steph*
gáraõ ao perseguidor os vestidos do martyr, para que
tocandoos se lhe pegasse a fé, & viesse a seguir, como
veyo, a ley que perseguia. *Qui ad tactum sacrarum vestium*
fuerat convertendus. Assim se converteo Saulo em Paulo, &
assim se trocou o amor da Eglypcia em aborrecimento . Fi-
cou a Eglypcia com a capa de Ioseph nas mãos: *Relicto in*
manus eius pallio fugit; & como pellos vestidos dos Sanctos,
se pegaõ as inclinaçoens, & affectos d' alma, aborreceo
logo a Eglypcia a Ioseph, porque Ioseph aborrecia a E-
glypcia . Communicou-lhe o aborrecimento ao coração
pello tacto, & pegou-lhe a desafeiçãõ de Ioseph, soo
porque pegou em suas roupas sagradas; *Ad tactum sacra-*
rum vestium.

Mas d' onde mereceo Ioseph (ainda não fechamos
o pensamento) d' onde mereceo Ioseph que se lhe con-
cedessê ja então o que foy privilegio singular do pro-
thomartyr, & que ao toque santamente contagioso de
suas roupas se produzissê taõ maravilhosos effectos?
Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mes-

ma acção teve Ioseph o merecimento, & o premio. E se
 não, pergunto, porque deixou Ioseph a capa nas mãos da
 Egeyptia? Deixar em poder de seu inimigo hũa testimo-
 nha falsa contra sua innocencia, mais he temeridade,
 que confiança. Pois porque não faz força para tra-
 zer a capa consigo, porque não resiste, porque a larga
Ambr. das mãos? Venturosamente ao intento Santo Ambrosio
lib. de *Contagium indicavit si diutius moraretur, ne per manus adul-*
Ioseph *tera libidinis incentiva transirent, itaque vestem exiit.* Lar-
cap. 17. gou Ioseph a capa nas mãos de Egeyptia porq̃ julgou que
 era mal contagioso seu torpe amor, & não quiz que pel-
 las roupas se lhe pegasse a peste. *Contagium indicavit; ita-*
que vestem exiit. *Absy!* E Ioseph tem por mal conta-
 gioso o amor da Egeyptia; pois seja bem contagioso o
 desamor de Ioseph. Vos tendes por mal contagioso sua
 impureza; pois seja bem contagioso vossa castidade.
 De sorte que juntamente naquella capa havia hum mal,
 & hum bem, ambos contagiosos: o torpe amor da Egey-
 ptia de cujo contagio fugio Ioseph, & o casto desa-
 mor de Ioseph, cujo contagio em parte se pegou à Egey-
 ptia. Pois assi como Deos concedeo a Ioseph que fos-
 se bem contagioso sua virtude, porque teve por mal
 contagioso o vicio alheo; assi concedeo a S. Roque que
 sárasse de males contagiosos sua intercessão, porque fora
 bem contagioso sua charidade. Foy a charidade de Sam
 Roque hum bẽ taõ contagioso, q̃ se lhe pegavão os males
 & doenças de todos: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Po-
 is seja digno premio desta contagiosa virtude que todos
 os males se rendão a seu imperio, & que não haja contagi-
 aõ, nem peste no mundo, onde chegar a intercessão, & no-
 me de Roque.

VI.

E S T E S são os merecidos prodigios de vossa
 charidade, glorioso, & poderoso Santo; & pois
 como divino avogado da peste exercitais tam
 obedecido dominio sobre todos os males contagiosos
 hũ.

hũa petição vos quero fazer, que será a materia desta segunda parte, ffo que vos não seja menos agradavel, que a primeira, porque os animos dezejosos de fazer bem mais os lisongea quem lhes pede, que quem os louva. A petição que faço, & a merce que vos peço, divino Roque, he que livreis o nosso Reyno de duas pestes muy perigosas, que não sey se vão ja corrompendo o saudavel clima de seus ares. São consequencias da guerra estas tam certas, como danosas: *Surget gens* Mat. 24
in gentem, & regnum adversus regnum, & erunt pestilentia.

Alguns haverá que seguindo a resolução de David dezejariaõ antes remedio para a guerra que para a peste, mas eu pella mesma rezaõ temo mais os rebates da peste, que os rebates da guerra. Poz Deos a David em sua eleição que de dous, ou tres males, que lhe ameaçava, escolheffe livremente o que mais quizesse: & com fer taõ grande soldado David, quiz antes peste que guerra. A razãõ deu o mesmo Rey, como aponta o texto. 2. Reg. 24.

Quia melius est, ut incidam in manus Domini, quam in manus hominum Porque a guerra estava nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deus; sempre são menores os males, que se dispensão pella mão de Deus, que os que se executaõ pella mão dos homens. Por esta razãõ temeo mais David a guerra, que a peste, & pella mesma temo eu mais a peste que a guerra; porque se lâ a guerra estava nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deus: cá a guerra está nas mãos de Deus, & a peste nas mãos dos homens. A guerra está nas mãos de Deus, porque Deus a tomou á sua conta, & nos dá tão milagrosos successos como cada dia vemos: a peste está nas mãos dos homens, porque os homens são os que ençontraõ (nam fallo das tentações, se não dos effeitos) ou ao menos de sajudão o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pestes, que digo de Portugal; & por lhe não fazer as deffinições compridas, deffinias assi. Pouca fee,

C

& Muy:

& Muyta fêe . Pouca fee , isto he , pouca fidelidade: Muyta fee, isto he muyta confiança . Muyto confiados, & pouco confidentes são em Portugal os feridos da peste, de que Deus nos livre . Máo he que tenhamos occasião de dizer isto entre Portuguezes , mas pior fora se se não estranhàra . Cuydo que o mostrarey de maneira , que ao menos, se não persuadir o remedio , hey de justificar o queixume . Que esteja apastado de pouca fee Portugal, o pouo o diz commumente, & cuyda, que o prova; mas ainda que a authoridade do povo he tão grande, que ella só bastou para canõnizar a Sam Roque: julgue Deos os coraçõens de cada hum, que eu soo das mãos quero fazer juizo. Argumento assi . He certo que nas Cortes passadas se prometteram subsídios para a guerra quantos fossem necessarios á conservação do Reyno . Tambem he certo que se intentaram donativos , que se multiplicaram tributos , que se introduziram decimas , que se accrescentou a moeda o cunho, & o preço; & com tudo vemos que he necessario repetir Cortes para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo, porque cada hum guarda o seu, & ha muy poucos que paguem o que lhes toca. Os muyto poderosos por privilegio, os pouco poderosos por impossibilidade, cada hum trata de lançar a carga aos hombros do outro, & tal vez caè no cham porque não ha quem a sustente. He isto assi? ainda mal. Bem digo eu logo, que ha pouca fee em Portugal. Fé tão apertada de mãos, não he verdadeira fé.

Sic, S. *Lucerna ardetes*
in manibus vestris: Que tenhamos tochas accesas nas
 Antoni mãos. Supposto que o lume destas tochas significa o
 de Pa- lume da fêe; porque diz Christo que o tenhamos nas
 dua ser. mãos: *In manibus vestris*? Os actos da fee, no entendi-
 mon. in mento se produzem, no entendimento se recebem;
 hoc Evã pois se a fee está no entendimento, como a poem Chris-
 gel. to agora nas mãos: *Lucerna ardetes in manibus vestris*?

Hũa razão muy verdadeira he , porque a fee practica,
 que Christo aqui ensinava , não consiste tanto em ver-
 dades do entendimento, quanto em liberalidade das
 mãos. Não he mais fiel quem melhor discorre , se nam
 quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo
 a fee em figura de tochas; porque a tocha se está acce-
 sa gasta, & se não se gasta , está apagada . O quantas
 tochas, que pudèram luzir gloriosas , se vem nesta oc-
 casiam apagadas miseravelmente ! *Lucerna ardentis in*
manibus vestris : Portuguezes ; se a fee he tam ardente
 como deve ser , veja se luzir nas mãos . Apertarem se as
 mãos, he sinal de frieza, & que não arde fogo no cora-
 çam . Amavam muyto os Magos , & criam verdadey-
 ramente naquelle Rey que acclamaram em Ierusalem,
 & como sabios, vede a protestaçam que fizeram de sua
 fee . *Proidentes adoraverunt , & apertis thesauris suis , ob-* *Matt. 2.*
tulerunt. Prostrados por terra adoraram , & abrindo seus
 thesouros offererãõ. Sam Leam Papa. *Quod cordibus cre-* *Lo ser.*
dunt , muneribus protestantur . Na liberalidade com que *3. de E-*
 davam , protestaram a verdade com que criam ; & por *piphan.*
 que abi costuma estar o coraçam onde està o thesou-
 ro , fizeram os seus thesouros interpretes de seus cora-
 çoens . *Quod cordibus credunt , muneribus protestantur*. Se
 vissemos que entravam os Magos em o presepio , & que
 vendo naquelle estado a seu Rey , lhe nam faziam ser-
 viço de suas riquezas ; que diriamos ? Diriamos com
 muyta razam que nam criam nelle verdadeiramente ,
 & que aquellas cortezias foram enganolas , & aquel-
 las adoraçoens fingidas . Adorar, & não offerer, quan-
 do o Principe està em necessidade) dobrar os juelhos
 & nam abrir os thesouros, nam he vicio de avareza, he
 crime de infidelidade . Fee , & liberalidade são virtu-
 des synonimas , & quem està duvidoso no dar , não està
 firme no crer . O que os Magos offererãõ a Christo
 foy Ouro, Incenso, & Mirrha ; & dizem todos os Pa- *Ving.*
 dres, & com elles conformemente a Igreja, que no ouro *Glossa.*

confessaram que era Rey: no incenso, que era Deus: na myrrha que era homem. *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem.* Oh grande confirmacão do que dizemos! De forte que interpretaram os Magos a fé pella liberalidade & para confessarem tres artigos offerecerão tres donativos. *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem.*

Hier. Pois se a fé se explica pella liberalidade, se o dar he synonimo do crer, se a obediencia dos Reys se protesta com ouro nas mãos, *Auro Regem*, como não temeréy eu que ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca fé em Portugal, quando a liberalidade se perverteo em cubiça, & em vez de se pagarem tributos, pode ser que se multipliquem latrocínios? He bom genero de fé esta? Eu o direi. Perguntáram os ministros reaes a Sam Pedro se havia seu mestre de pagar o tributo a Cesar, & respondendo que si, mandou Christo a Pedro que fesse pescar, que na boca do primeiro peixe acharia a moeda que se pedia. *Et da eis pro me. & te*: & pagai, Pedro por mi, & por vós. Notay. Christo era Senhor do mundo, Sam Pedro era Principe da Igreja, & com tudo diz o Senhor, pagai por mi, & por vós, *da eis pro me, & te*, porque os tributos dos Reys, principalmente em tempo de necessidades grandes, tambem os grandes, & senhores he bem que os paguem. Nos bens, & males communs ninguem he privilegiado: sintam todos o mal que toca a todos. Mas não era isto o que eu queria ponderar. O em que muyto reparo he em mandar a providencia de Christo, que Sam Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece que tocava por razam de officio ao Apostolo, que tinha o dirheyro; pois se Judas era o thesoureyro, ou procurador, se Judas era o que tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não manda Christo pagar o tributo a Judas? Direy o porque? Porque quem tinha ânimo para vender a seu Senhor, não tinha sitio para pagar o tributo. Nam pagou o tributo Judas, porque os Judas não pagam tributos. Ve-
jale

Matt.
17.

ja se agora se ha sospeitas de pouca fé, se ha feridos de infidelidade em Portugal.

Glorioso Santo, esta he a primeira peste de que vos peço nos livres este Reyno; & se não fora por temor de algũa irregularidade, não sey se vos pedira tambem, que a curasseis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço, que devia por todo aos pés dos Apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas decimada: mandao vir diante de si Sam Pedro, julga o crime summariamente, notifica-lhe a sentença em tres palavras, & foram tam rigorosas, & executivas, que no mesmo ponto com affonbro, & tremor dos circunstantes cahio morto aos seus pees Ananias. Tanto rigor em hum discipulo de Christo, na piedade de hum Apostolo, nas entranhas d' hum Sam Pedro. & por hũa culpa ao parecer nam tam pezada? Si, diz Santo Ambrosio, & dà a razão. *Tanta erat infidelis avaritia pestilentia ut Sanctus eum Petrus, non tam emendare voluerit quam dammare.* Deu sentença de morte repentina Sam Pedro a Ananias por defraudador semente do preço prometido; porque como estava inficionado com a peste da avareza, & podia inficionar, & apertar a outros, teve por melhor tirarlhe a vida, que espararlhe com perigo a emenda. Com este rigoroso remedio se curou ja algũa infidelidade em Portugal, exemplo que he bem aude nas memorias sempre vivo; mas aos filmente Portuguezes bastevos o do glorioso Sam Roque para que assi como elle deu estado, riquezas, & quanto possuhia pella patria do Ceo, demos vós tambem com apostada resoluçam quanto temos pella defensam da nossa. Ainda ha comendas, ainda ha rendas, ainda ha j yas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos, & em quanto houver sangue nas veas, haverá muyto que dar. Deeste tudo pella patria, que nella fica, assi como deu Sam Roque tudo para nella o achar. E se o exemplo

Act. 5.

Ambr.

Ser. 13.

de Sanctis.

exemplo de Sam Roque, por alto, nos desfaya, & ha o-
lhos fracos, que cegam com tanta luz; abaxemos hum
pouco a vista, & veremos retratada aos pés do Santo
hũa acção irracional, mas generosa, que quanto mais fal-
Pierius. ta do vto da razão, estranha, & reprehende mais justa-
mente as sem razoes da infidelidade humana. Todos os
authores antigos fizeram ao cam symbolo da fidelida-
de, & quando esta nobreza não fora tam antigua naquel-
le animal, o de S. Roque pudera ganhar este titulo para
toda a sua especie. Estava S. Roque no campo deitado ao
pè de hũa arvore pobre, desconhecido, solitario, enfermo
& no meyo deste desamparo tinha hum cam que levan-
do todos os dias hum paõ na boca sem comer delle bo-
cado, o sustentava. Isto sy q he ser leal; isto si que he ser
exemplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ
da boca para sustentar com elle a seu Senhor. Las-
tima he que carecesse tal generosidade de vzo de re-
zam, quando vemos tantas almas racionais tam mal
empregadas em sojeitos de menos honrados proce-
dimentos.

VII.

A Segunda peste (muyto me detive na passada;
será esta a peste pequena) A segunda peste,
deffinese, Muyta fe, ou muyta confiança, &
deste mal està inficionada muyta gente, que se chamão
os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cida-
des em Portugal que sem estarem tam longe de Castel-
la, como Roma de Cartago, nem as dividir hum mar,
senão hum pequeno rio, & a algumas hũa linha Ma-
thematica; tam confiadas estam de si mesmas, que por
mais que sam mandadas fortificar, não se fortificam, ha-
vendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os
peitos de seus Cidadãos não são necessarias muralhas.
Ha homens em Portugal, que sem terem gastado os au-
nos nas escholas de Flandes, nem campeado nas frontei-
ras de Africa, por mais que os mandam ter armas, &
exerci-

exercitallas tem por afronta, ou por ociosidade este exercicio; como se fora contra os fôros da nobreza prevenir a defensam da patria, ou pudèram, sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por constar de homens exercitados se chama exercito. He boa confiança esta com o inimigo à porta? He muy demaziada, & muy errada confiança. Desconfiar por temor, he covardia; mas desconfiar por cautella, he prudencia. Não quero desconfiança que faça desmayar; de confiança que faça prevenir, si. E este segundo modo de desconfiar he muy necessario, principalmente aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algũas vezes tam confiados, que o vieram a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança, não he achaque, se não esmalte da valentia. O valente dizem que hade ser desconfiado. Ao menos hum soldado Francez sey eu, & na milicia de sua profissima soldado de fama, o qual sempre foy valente ao desconfiado; Sam Roque. O que pondero he que deixou Sam Roque hũa vez a patria, & depois se tornou para ella. Que deixasse a patria quem queria seguir a Christo, com seguio dictame obrava; que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos como Sam Roque, mais occasiam tem de offender, que de servir a Deos. Pois se deixa a patria, & fuge della: porque a torna a buscar? Em hũa, & outra resoluçam obrou como desconfiado Roque. A primeira vez fugio da patria, porque desconfiou de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discursõ o Santo entre valente, & desconfiado consigo. Eu se fico na patria, as occasioens sam muytas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? não ha outro se não fugir: alto, deixemos a patria. E despois de a ter deixado, como se tornára sobre si: fugir (diz Roque) he covardia: não querer vir ás mãos com o inimigo, he pouco valor. Pouco valor em hum

soldado

soldado de Christo? Não ha de ser assi: animo, volte-
mos outra vez para a patria; & assi o fez. Elias retrata-
do. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida,
chega ao deserto, & começa a chamar, & desafiar a mor-
te. *3. Reg. te. Petiuit anima sua, ut moreretur.* Tudo succedeo
19. no mesmo dia para ser mais achada a repugnancia. Se teme o
Propheta a morte, como a chama? E se foge della na cidade,
como no deserto a desafia? Sam desconfianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio da morte porque
desconfiou de sua fortaleza: no deserto desafiou a morte, porque
desconfiou de sua fugida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o
temor, & a ouzadia: temeo, & ouzou Elias sempre desconfiado, para em hũa
& outra atçam se mostrar valente. Tam longe sta de valente o timido,
como o temerario; & se em alguma parte está mais perigosa a conserva-
çam, he na presençam de segura. Nemaqui nos faltará o Evangelho.

Quer Christo que estejamos em vela, bem assi como o fazemos os servos diligentes, que esperam por seu Senhor. *Vt cum venerit, & pulsaverit.* (Aqui raparo) para que quando vier a bater. Bater? Logo fechadas ham de estar as portas. Pois se se fazem tantas diligencias, por pressa, & mais pressa, se ham de estar as roupas na cinta, se ham de estar as tochas nas mãos, & essas ja accefas; porque nam estaram tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilantes, & não baltam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas: se não olhos abertos com portas fechadas. *Vt cum venerit, & pulsaverit.* Para que quando vierem de fóra achem em que bater primeiro. E se não bastão olhos abertos com portas abertas; que teria portas abertas com olhos fechados? Por semelhante decuy lo se perdeu Troya. *Panduntur porta: Eis ahi as portas abertas. Invadunt urbem somno, vinoque sepultam.*
2. Eis ahi os olhos fechados. O que importa he moderar a
a confiança

a confiança com a cautella, & segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armar, & fortificar, exercitar, trabalhar, q' ainda que se têm trabalhado tanto, a empresa foy muyto grande, & he necessario mais.

VIII.

EO que mais necessario he que tudo (atêgora como a Portuguezes, agora como a Christãos) he que as negligencias de dentro não desanimem, & descomponhão as diligencias de fora. Quem me déra neste passo as forças, & o spiritu, que não tenho. He possível que quando estamos recebendo enchentes de beneficios da divina misericordia, não façamos senão provocar com peccados a divina justiça! que quando devéramos andar humildes, & agradecidos a tantas merces, armemos os favores do Ceo, contra o mesmo Ceo, & façamos guerra a Deos com seus beneficios! que ainda se guarde pouca justiça! que ainda se trate pouca verdade! que agora reynem mais as invejas! que agora estejio mais em seu ponto as ambiçoens! que agora, porque Deos está por nós, nos ponhamos nós contra elle! he boa confiança esta? Grandes motivos nós tem dado Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigaçoens. *Et vos estote parati* (diz Christo por conclusão do Evangelho) *quia qua hora non putatis, filius hominis veniet*. Estay preparados, & prevenidos, porque na hora em que menos o imaginais, vos pediram conta da vida. Muyto he difficultar Christo o remedio em hũa hora, a quem o pôde ter num instante! Se hum instante basta (que tal he a bondade de Deos) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ as brevidades de hũa hora? Parece que he estreitar os limites, & diminuir a opinião gloriosa de sua misericordia infinita. Assi parece, não ha duvida; mas quer Deos antes menos reputada sua misericordia, que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deos of-

sendendo, he venerar hum attributo com injuria? dou-
tro, & presumillo tam misericordioso, que possa ser me-
nos bom, *Absit ut ita aliquis interpretetur*: Deos nos livre
de sermos tam maos interpretes de sua bondade (luz
Tertul. Tertuliano) *quasi ex redundantia clementia caelestis, libidi-*
lib. de nem faciat humana temeritatis: que nos sirva de tentação a
Penit. liberalidade divina, & faça nos costas a nossas temerida-
cap. 7. des com os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria he, & cegueira de entendimentos grande, que
nos traga desvanecidos, & desguydados, o que nos de-
vera fazer humildes, & temerosos. Porque Castilla se
vay precipitando a tam conhecida ruina nos damos nós
por segaros? O miseria! porque Castilla se vê em esta-
do, que já não pode resistir a seus inimigos, nos imagina-
mos vencedores dos nossos? O cegueira! Alègranos van-
mente o q nos devèra confundir, animanos oq nos devè-
ra affombrar, & enchenos de confiança, o que nos devè-
ra encher de temor. Não fallo do temor q faz timidos,
senão do temor q faz timoratos; não do temor que faz
temerosos dos homês, senão do temor q faz tementes a
Deos. Pergunto, senhores, porque està Deos irado con-
tra Castilla, & a castiga tam rigurosamente? Não ha du-
vida q por seus peccados, por suas maldades, por suas in-
justiças, por suas soberbas, por suas incôtinências, & c. boas
restemunhas somos, como cõplices hũ tẽpo dos mesmos
deliçios. Pergũto mais. O Deus de Castilla, he o mesmo q
o de Portugal, ou outro? Esta pergũta não tẽ resposta. Pois
se o Deus he o mesmo; & em Castilla castiga peccados;
como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castilla
tem a ruina em seus vicios; como avemos nós de ter a
segurança nos nossos? Oh que bem apertou a fõrça desta
razão o Propheta Nahũ, fallando com a cidade de Tyro.
Nah. 3. *Num quid melior es Alexandria populorum, qua habitat in flu-*
minibus, &c. Por ventura, ò Tyro, sois vòs melhor que a
grande cidade de Alexandria, cabeça de tantas Provin-
bias? Por ventura, ó Portugal, sois vós mayor, & mais popu-

populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiit in transmigrationem;* & com tudo Alexandria ò Tyro, foy destruida: & com tudo Hespanha, ó Portugal vayse acabando. Pois se a Monarchia famosa das Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominava facilmente o mundo, assi a castiga, & aniquila Deus por seus peccados; se lhe não val a Hespanha seu dilatado Imperio, se não se sustenta nos estribos de sua grandeza, se de suas proprias entranhas brotão as labaredas, com que se vay consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados pello mundo a não defendem, se tantas frotas, & tantos milhoens a não socorrem, se tantas oraçoens (que he mais) se tanto culto divino, se tantas penitencias, & sacrificios não bastão a ter mão no braço irado da divina justiça: se tanto provocão a Deus os peccados de Hespanha; porque não teme Portugal os seus; porque os não teme, & os não chora? Não nos fíemos indiscretamente em milagres, & favores do Ceo: porque em grandes misericordias ensaya Deus grandes castigos: & todo este bem perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres, & prodigios livrou Deus ao povo de Israel do cativo de Pharaó, em q̄ estavão, & com tudo, de tantos mil q̄ sahirão do Egypto, porq̄ peccarão despois de tão grande merce, sò dous entrarão na terra de promissaõ. Libertou os Deus por affligidos, & despois castigou-os por ingratos. Fiquenos esta advertencia, Christãos, consideremos bem esta verdade, obremos pellos dictames deste desengano, para q̄ saibamos o q̄ principalmente deven os temer, & sobre q̄ bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, & servir a Deos, & logo confiar animosamente.

E para que sejam efficazes estes remedios, Roque divino, debaixo de vossa protecção, & favor esperamos os effectos de sua virtude. Francez, & Portuguez sois glorioso Sancto; & em hum, & outro titulo estão bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos socorrerá q̄
hum

hum Francez, quando as flôrentes Lizes de França, com
 tam hermanada correspondencia, assistem ao lado das
 Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez,
 & mais verdadeiro, que aquelle, que nasceo com o ha-
 bito de Christo sobre o peito esquerdo, publicando que
 era cavalleiro Francez por geraçãõ, mas Portuguez por
 nascimento? Todo o Reyno de Portugal vos encomen-
 do, divino Roque, pois tam duplicadas são as razoes
 com que confia em vosso favor. Encomendandovos esta
 Cidade que com tanta devaçãõ, & frequencia solemniza
 vossas sagradas memorias. Encomendovos esta Casa,
 que tam autorizada está com vosso patrocínio, & tam rica,
 & tam sanctificada com o thesouro de vossas preciosas
 reliquias. Encomendovos; mas não vos encomendo,
 que não he necessario, a vossa real, & illustissima Irmã
 nobreza; & particularmente, como tam particular nella,
 vos encomendo, glorioso Santo, a quem hoje com tam lã
 brada prevençãõ, & com tam anticipada liberalidade celebra
 vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os benefícios
 pedem que tenhais boas ausencias com quem as sabe ter
 tam pontuaes; & ainda que em distancia tanta, là chega
 tambem a jurdiçãõ milagrosa de vossos poderes, que a
 hostilidade de nossos mal reconhecidos amigos, que ainda
 aly não cessa, peste foy daquelle estado, & peste do
 mundo. Deste mal tam pernicioso nos ajudai a livrar po-
 deroso Sancto, aquella tam dilatada Provincia, a mais rica,
 & mais preciosa joya desta Coroa; para que ou no des-
 canso da verdadeira paz, ou na superioridade de victori-
 osa guerra, se luza a conhecida prudencia, & valor de quem
 vos serve, & governa, & o sempre, & em toda a parte ef-
 ficaz patrocínio de vossa sagrada intercessãõ, pella qual
 esperamos tambẽ, mediante a graça, a gloria. *Quã mihi, &*
 L A V S D E O.

Taxão este Sermaõ em reis em papel. Lisboa 31. de Outubro de 642.
 Menezes Ribeiro

CA642

V65858

cap. 1

